

Mamãe voltou

Arnaldo acordou no meio da noite para ir ao banheiro e levou um susto. Sua mãe estava em pé ao lado da cama.

– Mamãe! O que você está fazendo aqui? – perguntou assustado.

– Eu estava com saudades e vim fazer uma visita ao meu filho querido.

Arnaldo começou a suar frio. Não sabia o que fazer. A sua mãe tinha morrido há quatro anos atrás e agora estava ali em pé ao lado da sua cama.

– Mas mamãe, você morreu – gaguejou o pobre Arnaldo.

– Isso não quer dizer nada. Os mortos também tem saudade e muitas vezes conseguem uma licença para visitar os seus parentes.

– Eu tenho que ir ao banheiro – foi o que conseguiu dizer Arnaldo enquanto corria para se aliviar no banheiro. A presença da sua falecida mãe tinha aumentado a vontade de urinar. Enquanto urinava Arnaldo pensava que talvez tudo aquilo tivesse sido um sonho. Quando voltasse para a sua cama tudo estaria nos seus lugares. Muitas vezes os sonhos são tão reais que chegamos a nos confundir. Deu a descarga e voltou aliviado para o quarto. Pensou em voltar de olhos fechados, mas a certeza de que tinha sonhado era tão grande que voltou com eles abertos. Outra surpresa. A mãe continuava no quarto, só que agora sentada na poltrona que ele usava para ler antes de dormir.

– Mamãe, por que você não volta de onde veio e me deixa em paz?

– Que filho ingrato! A mãe volta depois de quatro anos e ele já pede para ela ir embora.

– Não é isso. Se você estivesse viva a sua afirmativa era verdadeira, mas quem é que quer receber um defunto no seu quarto?

– E quem disse que eu sou um defunto? Eu sou um espírito.

– Dá no mesmo.

– Você não entende nada de vida depois da morte.

– E nem quero entender. Deixo isso para o dia em que morrer.

A conversa acabou acordando Dolores, esposa de Arnaldo.

– Arnaldo, com quem que você está conversando?

– Com mamãe.

A esposa levantou-se e sentou na cama assustada.

– Você está maluco?

– Dolores, olhe para a poltrona que você vai ver mamãe sentada lá.

– Arnaldo, a poltrona está vazia. Não tem ninguém sentado lá.

A mãe deu uma risada sarcástica.

– A Dolores não é sensível. Ela não tem os poderes que algumas pessoas tem de verem os mortos.

- Você não está nem escutando a voz dela? – perguntou Arnaldo.
- Arnaldo, a última coisa que eu queria na minha vida era ouvir no meio da noite a voz daquela jararaca.
- Dolores, não fale assim. A mamãe está ouvindo.
- Jararaca mesmo. Eu vou dormir. Você, se quiser, pode ficar conversando com a sua mãe. Espero que amanhã você já esteja no seu juízo normal.
- Disse isso e virou-se para o outro lado.
- Arnaldo conversou um pouco mais com a mãe, tentando convencê-la a voltar para o além, mas não obteve sucesso. Resolveu também dormir, ainda com uma pequena esperança de que tudo não passasse realmente de um terrível pesadelo, já que sonho não era mais.
- Quando acordou no dia seguinte não viu a mãe no quarto e levantou aliviado. Tomou um banho, escovou os dentes e foi para a cozinha tomar café, onde já estavam a mulher e os filhos. Ao chegar levou um susto. Lá estava a mãe sentada em cima da geladeira olhando os netos e a nora tomarem café.
- Mamãe! Você ainda está aí?
- Estou matando as saudades dos meus netos e da minha nora.
- Ué! Com quem papai está falando? – perguntou um dos filhos.
- Com a sua avó que resolveu aparecer agora para ele – explicou Dolores.
- Mas a vovó já morreu há muito tempo.
- Pois é, a jararaca resolveu voltar para atormentar a nossa vida novamente.
- Essa não! Ninguém merece uma avó fantasma andando dentro de casa – falou o outro filho.
- Arnaldo sentou-se à mesa para tomar café sem saber o que fazer. Nesse momento foi que notou outra coisa inusitada. A sua mãe estava de calcinha e sutiã.
- Mamãe, volte para colocar uma roupa decente. Você esta vestida de forma imprópria.
- Não entendi – respondeu a mãe.
- Você está de calcinha e sutiã.
- Ah! De onde eu vim ninguém se preocupa com as roupas. E nem com a nossa aparência. Não vai adiantar explicar que você não vai entender nada.
- A única coisa que eu entendo é que você não pode ficar andando por aí de calcinha e sutiã.
- Como foi que vocês me enterraram? Não foi de calcinha e sutiã? Eu estou voltando da mesma forma que eu fui. A culpa é sua e da sua mulher.
- Arnaldo se lembrou que não tinham levado nenhuma roupa para o hospital e resolveram enterrar a mãe da forma como estava vestida. Aliás para onde ela estava indo ninguém ia se preocupar com as roupas, foi o que disse Dolores, na época.
- Só mesmo a jararaca da sua mãe poderia voltar do mundo dos mortos de calcinha e sutiã – falou Dolores.
- Olha o respeito com a minha falecida mãe.
- Como eu vou ter respeito por uma jararaca que nunca me respeitou?

– Arnaldo, meu filho, ela tem toda razão. Eu apoqueitei muito a vida da pobre coitada. Uma das razões da minha volta é essa. Pedir desculpas a Dolores por tudo que fiz com ela.

– Viu, Dolores, ela veio para pedir desculpas.

– Agora que já morreu e não deixaram ela entrar no céu. Ela está tentando limpar a barra para não mandarem ela para o inferno.

Disse isso e saiu para levar os filhos para o colégio.

Arnaldo tomou café, pegou o seu paletó e saiu para ir trabalhar. A mãe foi atrás dele. Quando o elevador chegou no térreo ele se lembrou dos trajes da mãe. Abriu a porta do elevador e viu que no saguão estava apenas o Severino, o porteiro.

– Severino, feche os olhos que a minha mãe vai sair comigo e ela está vestida apenas de calcinha e sutiã.

O porteiro que não costumava contestar nenhuma afirmativa dos moradores fechou os olhos. No entanto, não fechou completamente, pois queria ver os trajes da mãe do morador. Quem sabe não fosse uma coroa enxuta. Não viu nada. Apenas Arnaldo andando e falando sozinho. O pobre coitado deve estar ficando maluco, foi a única coisa que pensou.

No caminho do escritório Arnaldo foi se acostumando com a presença da mãe ao seu lado de calcinha e sutiã. Ele foi percebendo que ninguém via a senhora nos seus trajes impróprios. Felizmente não cruzou com nenhum vidente pelo caminho. Arnaldo trabalhava numa dessas secretarias do governo estadual. Deixou o paletó na cadeira e foi para a copa tomar um cafezinho. Ninguém consegue começar a trabalhar sem antes tomar um café. Já tinha se esquecido da presença da mãe, mas quando chegou na copa, Cafuné o copeiro, deu um tremilique esquisito.

– O que está havendo? Senti uma energia estranha. Xangô meu pai me protege – disse Cafuné enquanto rodopiava com uma das mãos na cintura e a outra para cima como se carregasse uma imaginária bandeja.

– Calma Cafuné. É a minha falecida mãe que resolveu voltar e está me seguindo para onde eu vou.

– Então foi isso que eu senti. A velha carrega uma energia pesada. Você quer que eu faça um trabalho agora para ela sumir? – perguntou aquele que nos centros de macumba era conhecido pela alcunha de Pai Cafuné.

– Arnaldo, não perca tempo com isso. Esse idiota não vai conseguir fazer nada comigo. Se ele encher muito o meu saco eu vou é ficar nua aqui.

– Cafuné, fica tranquilo. Eu estou apenas matando as saudades da mamãe. Ela não vai demorar.

Tomou o seu café e foi embora, enquanto Cafuné rodopiava dentro da copa, ao mesmo tempo que sapateava e dava estranhos gritinhos.

Arnaldo voltou para a sua mesa e começou a trabalhar enquanto sua mãe circulava pelo escritório. No meio da manhã a secretária do diretor ligou pedindo que Arnaldo fosse na sala do chefe. Ele entrou na sala do diretor com a sua mãe atrás. O homem deu um pulo da cadeira apontando para a porta.

– Quem é essa mulher de calcinha e sutiã atrás de você?

Arnaldo que já estava acostumado com a invisibilidade da mãe também levou um susto.

– É a minha mãe.

– O que é que a sua mãe está fazendo aqui de calcinha e sutiã?

– A minha mãe morreu já se vão quatro anos e agora resolveu voltar para fazer uma visita.

– Já sei. Vocês enterraram ela de calcinha e sutiã – disse o diretor.

Arnaldo se assustou com o conhecimento do diretor. Ele sabia que o homem era inteligente e que tinha a mania de conhecer tudo, mas isso já era demais.

– Como o senhor sabe?

– Olhe para a sua direita, que você vai entender.

Arnaldo olhou para a direita e viu um senhor em pé de cuecas. O velho olhava com muito interesse para a sua mãe, que por sua vez fazia uma espécie de charme.

– Acho melhor você sair daqui levando a sua mãe. Nós não sabemos o que esses dois poderão aprontar aqui. Sugiro que você tire umas férias e só volte quando a sua mãe desaparecer.

Uma semana se passou e nada da mãe resolver ir embora. Ninguém mais estava dando bola para a velha, até que um dia, sem nenhum aviso Arnaldo escutou uma espécie de despedida.

- Ih! Eu vou ter que ir... tem alguém chegando..... eu vou ter que ir....

Com essas frases misteriosas a mãe desapareceu. Arnaldo correu para avisar a mulher.

– Ainda bem que a jararaca resolveu ir embora. Espero que não volte nunca mais.

Mas a paz não durou mais do que alguns minutos. Em pé na sala, olhando as bebidas do bar, estava o sogro de Arnaldo, envergando a sua famosa cueca samba-canção vermelha.

– Dolores, o seu pai veio fazer uma visita. Ele está de cuecas. O famoso velho Barreiro está aqui.

Moreira, conhecido como Velho Barreiro pela preferência que tinha pela conhecida cachaça, freqüentador de todos os bares da redondeza, aquele que tomava porres homéricos e que tinha morrido de cirrose hepática, estava ali para uma não tão breve visita.